

Editorial

Em “A queda do céu”, em um dos trechos iniciais de seu relato, o xamã yanomami Davi Kopenawa, dirigindo-se especificamente a Bruce Albert (o antropólogo com quem partilhou a empreitada do livro), assinalou expectativas quanto ao potencial transformador de suas palavras:

Os brancos não pensam muito adiante no futuro. Sempre estão preocupados demais com as coisas do momento. É por isso que eu gostaria que eles ouvissem minhas palavras através dos desenhos que você fez delas; para que penetrem em suas mentes. Gostaria que, após tê-las compreendido, dissessem a si mesmos: “Os Yanomami são gente diferente de nós, e no entanto suas palavras são retas e claras. Agora entendemos o que eles pensam. São palavras verdadeiras! A floresta deles é bela e silenciosa. Eles ali foram criados e vivem sem preocupação desde o primeiro tempo. O pensamento deles segue caminhos outros que o da mercadoria. Eles querem viver como lhes apraz. Seu costume é diferente. Não têm peles de imagens, mas conhecem os espíritos *xapiri* e seus cantos. Querem defender sua terra porque desejam continuar vivendo nela como antigamente. Assim seja! Se eles não a protegerem, seus filhos não terão lugar para viver felizes. Vão pensar que a seus pais de fato faltava inteligência, já que só terão deixado para eles uma terra nua e queimada, impregnada de fumaças de epidemia e cortada por rios de águas sujas!”. (KOPENAWA, ALBERT, 2015, p. 64-65)

Davi Kopenawa assinala neste trecho alguns horizontes positivos possíveis, embora talvez distantes: de compreensão, por parte dos brancos, das diferenças culturais em relação aos Yanomami; de aceitação dessas diferenças, em especial dos “caminhos outros” no pensar e no viver; de uma vida “como antigamente”, para os Yanomami, em uma floresta “bela e silenciosa”, sem ameaças de destruição. A sabedoria dos povos da floresta desenha, assim, uma tentativa de vencer a falta de inteligência do povo da mercadoria: mas será mesmo possível superar esse abismo cultural, construir pontes e atravessá-las?

Como uma forma de contribuir para a reflexão sobre essa questão, a primeira edição de 2021 da revista PerCursos conta com o dossiê “Os estudos decoloniais centrados nas filosofias indígenas ameríndias”, proposto e organizado pelos professores doutores Clovis Antonio Brighenti (Universidade Federal da Integração Latino-Americana), Rosane Freire Lacerda e Saulo Ferreira Feitosa (os dois últimos vinculados à Universidade Federal de Pernambuco). O dossiê reúne o substancial número de 14 artigos, de autores vinculados a instituições de todas as regiões do Brasil, embora com peso maior do sul e do sudeste. Diferentes campos disciplinares estão nele representados: Filosofia, Antropologia, Ciências Sociais, Ciências Políticas, Geografia, História, Ciências da Linguagem, Direito, Educação, Psicologia. A riqueza dessas diferentes perspectivas, vislumbrada no sumário da edição, é mais bem delineada na apresentação do dossiê preparada por seus organizadores, cuja leitura se recomenda.

As questões presentes no dossiê ressoam ainda na resenha e na entrevista contidas neste número da PerCursos. Ana Catarina Zema, que é coautora de um dos artigos do dossiê, elaborou a resenha do livro “Whose Land is it Anyway: A Manual for Decolonization”, coletânea canadense publicada em 2017 e que reúne textos de destacados intelectuais e ativistas indígenas da América do Norte. Na entrevista com Márcia Wayna Kambeba, conduzida por Kena Chaves, são abordados, entre outros temas, a atuação das mulheres indígenas, as lutas políticas dos povos originários e as formas de pensar, narrar e bem viver indígenas.

O primeiro artigo do grupo de cinco trabalhos que completam a edição, promove uma transição entre a temática do dossiê e os quatro seguintes, não relacionados ao tema proposto, ao analisar criticamente a tese do *marco temporal* à luz da história do direito dos povos indígenas. Quanto aos demais, é possível estabelecer um fio articulador entre os três primeiros, que envolvem interações de indivíduos e grupos com determinados espaços urbanos em constituição ou já consolidados. No segundo artigo, os focos principais da análise recaem sobre a paisagem praiana no Rio Grande do Sul e sua transformação para a conformação das cidades-balneários; no artigo seguinte, sobre os deslocamentos e interações dos corpos-sujeitos na paisagem citadina de Ponta Grossa, tem como referência empírica uma rua daquela cidade paranaense. O quarto artigo

mantém o elo com os deslocamentos no espaço citadino, mas, neste caso, são prioritariamente enfocadas as corporalidades infantis. As crianças reaparecem no quinto artigo – mais especialmente, por meio da preocupação com os cuidados necessários na produção e na disseminação de registros fotográficos que as tomam como referente, em relatórios de estágios dos Cursos de Graduação em Pedagogia.

Por fim, este número da revista PerCursos marca a transição para mudanças de relevo no periódico que, a partir de abril de 2021, passou a contar com uma nova editora-chefe (Renata Rogowski Pozzo) e outra estrutura organizacional – uma enxuta coordenação editorial, além de um conselho editorial que buscará promover diálogo permanente com profissionais de instituições das várias unidades da federação brasileira e de outros países. Que leitores e leitoras se sintam instigados a acompanhar esses percursos renovados!

Janice Gonçalves
Renata Rogowski Pozzo
Editoras-Chefe

Referências

KOPENAWA, Davi, ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED
Revista PerCursos
Volume 22 - Número 48 - Ano 2021
revistapercursos@gmail.com